

HERANÇAS E SINCRETISMOS NA IMAGINÁRIA SACRA BRASILEIRA: OS ORATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS

Juane Braúna Alves¹

Resumo

Os oratórios domésticos têm uma longa tradição no Brasil, tendo raízes no período colonial. Eles desempenharam um papel significativo na vida religiosa das famílias brasileiras, oferecendo um espaço dedicado à oração, devoção e contemplação dentro de seus lares. Além de promover a espiritualidade, esses oratórios ajudaram a preservar e difundir a fé católica no país. No Brasil existem diversas tipologias de oratórios, podendo ser de manufatura erudita ou manufatura popular. É neste contexto que temos os oratórios afro-brasileiros. Dotados de um rico simbolismo e elementos que não são encontrados de manufatura erudita, os oratórios afro-brasileiros apresentam um processo de aculturação e sincretismo que reflete o período colonial brasileiro. Os oratórios afro-brasileiros são objetos de emolduramento de memória e expressam a realidade de um grupo social (SOUZA, 2013, p. 82). Como posto por Eduardo Etzel, o negro aculturou-se, mas também resistia tenazmente nessa falsa aculturação. A presente comunicação pretende, a partir de uma revisão bibliográfica, investigar os oratórios afro-brasileiros como ferramenta de ressignificação de símbolos religiosos e sobrevivência e resistência da fé de matriz africana a partir da mesclagem dos elementos visuais vindos da cultura africana aos do catolicismo brasileiro bem como, pretende-se explicitar os elementos artísticos e iconográficos que os diferenciam e os destacam dos demais.

Palavras-chave: Arte sacra. Imaginária. Oratórios.

INTRODUÇÃO

Chave para o catolicismo popular brasileiro, os oratórios ofereceram um espaço dedicado à oração, devoção e contemplação dentro dos lares a partir do período colonial, e esse costume se perpetua até os dias de hoje. É sabido que a Igreja Católica desempenhou um papel de grande peso na colonização portuguesa. Dessa maneira, os oratórios domésticos surgem como uma extensão dessa influência eclesiástica nos lares. Esses pequenos santuários eram constantemente instalados nos lares coloniais, facilitando a existência de um local de adoração privado para os fiéis que, muitas vezes, não podiam participar regularmente das cerimônias religiosas nas grandes igrejas.

Ademais, os oratórios eram espaços que testemunharam as dinâmicas familiares e sociais da época. Eles eram utilizados como centros de reunião familiar, onde a fé era transmitida de geração em geração, e as práticas religiosas eram compartilhadas entre os membros da casa.

Para além da devoção religiosa, os oratórios também são testemunhas da complexa interação entre as tradições culturais europeias e as influências africanas e indígenas. A ornamentação dos oratórios muitas vezes incorporava elementos estilísticos diversos, evidencian-

¹Bacharel em Museologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestranda em Ciências da religião na Universidade Católica de Pernambuco. Email: juanebrauna1@gmail.com



do a fusão única de culturas que ocorreu durante esse período, como vemos nos oratórios afro-brasileiros, foco deste presente artigo.

OS ORATÓRIOS DOMÉSTICOS: UMA BREVE LINHA DO TEMPO

Para entendermos o uso dos oratórios devemos chegar a sua origem. Até chegarmos à forma de oratórios que conhecemos hoje em dia, podemos retomar a Roma Antiga. O Larário (*lararium*) era um local separado nas residências romanas para a adoração das divindades protetoras do lar. Apresentam um formato de pequeno altar. Apesar de não possuírem a estrutura de “armários” como os oratórios domésticos, podemos associá-los como uma das primeiras formas semelhantes a eles. Os Trípticos, muito populares na Idade Média e amplamente utilizados nas ornamentações das igrejas, são quadros compostos por três painéis, sendo os dois painéis das pontas volantes, também se assemelham aos nossos oratórios. Contudo, apenas no período do estilo Manuelino em Portugal (século XVI) vemos os oratórios com formato de um pequeno armário autônomo, com duas portas. Mas é apenas em meados do século XVII que temos os oratórios domésticos da forma que percebemos hoje em dia.

De acordo com Rodrigues (2011) o Concílio de Trento teve grande participação no estabelecimento do uso dos oratórios domésticos. A partir da consagração e ênfase do culto aos santos, juntamente com a estética do barroco religioso, os oratórios passaram a ser objetos intrínsecos da devoção cotidiana. No Brasil, chegam através dos colonizadores e se sancionam na região de Minas Gerais. Podemos conceituar como oratórios domésticos objetos devocionais:

Destinados ao retiro, ao recolhimento e a oração diante das quais se reconhece, na ornamentação das peças uma formação especial na convocação de imagens, com destaque para a reconstituição de cenas da Vida e da Paixão de Cristo, da Virgem Maria e dos Santos da Hagiografia cristã (RUSSO, 2010, p.50).

Dessa maneira, os oratórios são objetos que proporcionam uma maior intimidade com os santos, trazendo a religiosidade pública para o ambiente doméstico, sendo um espaço de privatização e familiarização da fé. Como posto por RUSSO, os oratórios são

(...) um lugar relativamente pequeno, dedicado à oração e ao culto a Deus. Neste sentido (...) qualquer pessoa pode ter em casa um oratório, destinado para ele um local apropriado, resguardando em seu interior: quadros, estátuas etc., em que se possa meditar, rezar o santo Rosário, fazer alguma novena, individualmente ou com a família. (FERRERES, 1916, p.9, apud, RUSSO, 2010, p.371)

Podemos dizer que o oratório doméstico foi a base para o catolicismo popular brasileiro. É a partir dele que, em ambientes rurais e fazendas, o catolicismo se instaura. Inicialmen-

te, o costume de ter oratórios em casa se propala nas famílias com maior poder aquisitivo e depois vai se popularizando, chegando a também serem utilizados pela população negra. Existem diversas tipologias de oratórios. Eles podem ser de manufatura popular ou erudita, podem ser públicos, semi-públicos ou privados, oratórios de viagem, ermida ou de lapinha, entre vários outros, cada um com sua funcionalidade, como vemos no esquema a seguir:

Figura 1: tipologias de oratórios



Fonte: Museu do oratório (2017) (<https://museudooratorio.org.br>)

Sobre os estilos utilizados no Brasil, podemos destacar três principais: o barroco, o rocó e o afro-brasileiro. O primeiro apresentando talhas e pinturas mais elaboradas, a presença de tons ocres e maior dramaticidade e douramento, já o segundo apresentando maior suavidade visual, profusão de brancos, azuis celestes e verdes, e um douramento mais delicado. Os oratórios afro-brasileiros além de apresentar traços desses estilos, expressam elementos estéticos e simbólicos da cultura africana, manifestando assim uma rica fusão cultural, veículo de resistência da religiosidade afro-brasileira.

INFLUÊNCIA NEGRA NA ARTE SACRA BRASILEIRA

A arte sacra, caracterizada pela produção de objetos e obras destinadas à devoção religiosa, foi profundamente marcada pela presença negra. Nas igrejas e capelas, principalmente nas regiões onde a escravidão era mais concentrada, como a Bahia, Minas Gerais e Pernambuco, se faz evidente a presença de elementos estilísticos, simbólicos e técnicas artísticas que revelam a fusão entre as tradições africanas e europeias. Apesar de invisibilizadas nas esculturas, construções das igrejas históricas, e nas esculturas, a mão de obra africana foi de funda-

mental participação. Muitos escravizados desempenharam papéis importantes como artesãos e artistas, contribuindo para a produção de objetos litúrgicos, altares e decorações de igrejas.

Ademais, a expressão artística nos rituais religiosos afro-brasileiros, como o candomblé e a umbanda, também influenciou a arte sacra e a arte sacra também influencia as religiosidades de matriz africana. Elementos como a música, dança e o uso de cores vibrantes foram incorporados, criando uma sinergia entre as práticas religiosas africanas e as formas tradicionais de devoção cristã.

OS ORATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS: ORIGEM E SIMBOLISMOS

A colonização foi violenta também em relação à identidade dos escravizados. Como posto por Hoonart (2006), a primeira coisa que é vedada ao vencido é a palavra. Dessa forma, uma estratégia de sobrevivência é o refúgio no mundo das expressões não verbais. É através dos símbolos que temos uma estratégia de resistência frente ao sistema explorador. Como dito por Etzel, o negro aculturar-se certamente, mas também resistia tenazmente nessa falsa aculturação. Vemos esses reflexos e heranças de resistência na arte sacra brasileira, a partir da influência afro-brasileira nos estilos artísticos de origem europeia. A diversidade proporcionada pelo sincretismo religioso reflete esse processo de aculturação como sobrevivência. Um singular exemplo disso é o oratório afro-brasileiro:

Logicamente que os escravos possuíam seus próprios oratórios, dissimulando no seu uso o culto à sua própria crença. Porém, o oratório assimilado enquanto sede de piedade católica pelos escravos também serve de refúgio e vivência (assim como resistência) ao seu estado servil. (RODRIGUES, 2020, p.134)

Como apontado por Rodrigues, os escravizados também faziam uso dos oratórios domésticos. Seja pela assimilação compulsória por meio de um processo catequético, ou através de uma apropriação como forma de assimilação de suas crenças originárias. Ocorria assim, uma resignificação dos símbolos católicos e uma adição de símbolos da religiosidade de matriz africana. Como resultado disso foi surgindo uma expressão estética única, constituindo uma visualidade essencialmente híbrida e mestiça (RODRIGUES, 2020, p. 457)

ELEMENTOS ESTILÍSTICOS E ICONOGRÁFICOS

Nos oratórios afro-brasileiros podemos destacar a vivacidade das cores, ou por vezes o uso da madeira em seu estado original, sem policromia. Segundo as contribuições de Rodrigues (2020) outra característica dessa tipologia de oratório é o apreço pelo geometrismo, pela ordem simétrica e linhas retilíneas, proporcionando um ritmo ornamental. Outro aspecto destacado pelo autor é o uso da técnica de entalhe de sulcos.

Em termos gerais, a estética ornamental africana se concentra sobretudo nas formas geométricas e no linearismo, o que pode ser considerado um elemento expressional comum à arte africana. No entanto, os símbolos iconográficos que exprimem conceitos de natureza religiosa, sobretudo, possuem origem e sistematização em diferentes grupos étnicos e tribais, o que impede o estabelecimento de um sistema de referência simbólica generalizado, como no caso da ornamentação (RODRIGUES, 2020, p.464).

Em vista disso, podemos destacar o geometrismo como principal diferencial dos oratórios afro-brasileiros. Contudo, outro aspecto singular é a presença de símbolos Adinkra, que segundo Veloso (2020) são um conjunto de símbolos pertencente ao povo Ashanti, atualmente localizados principalmente nos países Gana, Burkina Faso e Togo, na África Ocidental, mas também estão presentes em outros lugares do globo, principalmente em consequência dos processos das diásporas africana. Alguns dos símbolos adinkra mais recorrentes nos oratórios afro-brasileiros são *Msusyidie*² (também associada a cruz de malta), *Ananse Ntontan*³, *Sankofa*⁴ e *Osram ne nsoromma*⁵ (remetendo a figura de uma lua). Conseguimos ver alguns desses símbolos no oratório a seguir:

Figura 2: Oratório Afro-brasileiro, séc. XIX.



Oratório de Salão
Santo Antônio, São Jorge, Adão e Eva
Século XIX – Norte de Minas Gerais
94 x 54 x 45 cm

Fonte: Museu do Oratório. (https://museudooratorio.org.br/grupo_oratorio/oratorios-afro-brasileiros/)

² Utilizado para o afastamento do mal, representa santidade, sorte;

³ Inspirado na figura folclórica da aranha Ananse. Representa criatividade e sabedoria.

⁴ Símbolo da lembrança, a sabedoria de aprender com o passado.

⁵ Representa a harmonia e o amor.

A adesão de alguns elementos como terços, contas, moedas, flores, ex-votos também se tornam características desses oratórios. E é evidente que não podemos deixar de analisar a representação iconográfica nesses oratórios. Temos a fusão de elementos do catolicismo ao das matrizes africanas, sendo o sincretismo uma estratégia cultural utilizada pelos escravizados para sobrevivência e preservação de suas religiosidades e costumes.

Os oratórios afro-brasileiros são uma expressão da dinâmica cultural e religiosa que passa a compor o Brasil desde a colônia. Num contexto de repressão e marginalização da cultura africana, nos oratórios afro-brasileiros vemos a incorporação de imagens de santos católicos que são associados a divindades africanas como forma de manutenção cultural. As imagens que encontramos com maior frequência são: São Jorge (associado a Ogum) Santa Bárbara (associada a Iansã) Santo Antônio (associado a Exu), Senhor do Bonfim ou Jesus Cristo (associado a Oxalá)⁶ e São Cosme e Damião (associados aos Ibejis, filhos gêmeos de Iansã e Xangô).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se debruçar nos estudos dos oratórios afro-brasileiros é se debruçar nos estudos dos processos de resistência cultural e religiosa dos escravizados no Brasil. Diante da proibição da palavra e a imposição violenta de uma cultura dominante, é no universo simbólico que os oprimidos encontram um mecanismo de preservação de suas identidades. No mundo acadêmico ainda é escasso estudos que se mergulhem nos processos de aculturação e na análise das simbologias de matriz africana.

Se faz cada vez mais necessário estudos sobre a influência dos negros na arte sacra brasileira, tendo em vista que a arte expressa a sociedade na qual ela foi criada. É preciso que essa influência deixe de ser invisibilizada, pois é através desse reconhecimento que quebraremos o ciclo de apagamento e marginalização da cultura afro-brasileira. A confecção dos oratórios afro-brasileiros com elementos simbólicos ressignificados e com a adição de elementos das religiosidades africanas representa uma complexa estratégia de sobrevivência cultural e religiosa.

Dessa forma, essas obras não são apenas objetos de devoção, mas testemunhas silenciosas de uma resistência cultural que transcende as adversidades da história. São objetos de memória desses processos. São herança de estratégias de sobrevivência religiosa e identitária.

REFERÊNCIAS

RODRIGUES, Lucas. **As formas do perene**: os oratórios domésticos devocionais em Minas Gerais e seus antecedentes europeus- estudo histórico, estilístico e iconográfico (Séc XVIII-

⁶ inclusive, a figura da pomba aparece em alguns oratórios fazendo referência ao Espírito Santo e a Oxalá.

XIX). São João del-Rei, UFSJ, 2020. Disponível em: < https://www.academia.edu/44983296/As_formas_do_Perene_os_orat%C3%B3rios_dom%C3%A9sticos_devocionais_em_Minas_Gerais_e_seus_antecedentes_europeus_estudo_hist%C3%B3rico_estil%C3%ADstico_e_iconogr%C3%A1fico_S%C3%A9culos_XVIII_e_XIX > Acesso em 30/11/23

RUSSO, Silveli Maria de Toledo. O oratório doméstico. **Revista Pandora Brasil**, nº25, 2010. Disponível em: < https://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/religiao/texto_7.pdf> Acesso em 28/11/23

SOUZA, Cláudio Rafael Almeida de. Descolonizando os oratórios afro-brasileiros. **Cadernos de Sociomuseologia**, vol.65, nº 21, 2023. Disponível em: < <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/8704> > Acesso em 18/11/23

SILVA, Vagner. G. da. **Arte religiosa afro-brasileira: As múltiplas estéticas da devoção brasileira**. Debates Do NER, 1 (13). 2008. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/5251> > Acesso em: 18/11/23 <https://doi.org/10.22456/1982-8136.5251>

VELOSO, Abraão. **Tecnologia Ancestral Africana: Símbolos Adinkra**. Espaço do conhecimento UFMG. 16/08/2020. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/tecnologia-ancestral-africana-simbolos-adinkra/>> Acesso em: 18/11/23